

Fonte: Jornal de AlagoasClass.: 57Data: 26/02/82Pg.: A-6

Antropólogo de Alagoas defende crise indígena



Clóvis Antunes defende índios

Entrevistado com exclusividade pelo JORNAL DE ALAGOAS, sobre o conflito de terras envolvendo os índios Xucurus-Kariris, de Palmeira dos Índios, o antropólogo Clóvis Antunes, professor da Universidade Federal de Alagoas e da Comissão Pró-Índio de Alagoas, além de membro da Sociedade Alagoana em Defesa dos Direitos Humanos, apresentou extenso depoimento (que somente permitiu a sua divulgação na íntegra) destacou três motivos sobre a questão, destacando a hegemonia econômica do colonizador branco; a hegemonia do poder entre lideranças; e o permanente contato interéctico como motivos provocadores dos recentes conflitos, amplamente divulgados pelos meios de comunicação.

Clóvis Antunes é o autor de "Wakona-Kariri-Xucurus", sobre os indígenas de Palmeira dos Índios. Abaixo apresentamos o depoimento do antropólogo que é, também, professor da Escola de Ciências Médicas.

"Colonizador quer hegemonia"

A luta intestina dos remanescentes Xucurus-Kariris de Palmeira dos Índios não causa admiração. É uma consequência do contexto histórico de um passado distante devido à seu contato com o colonizador português.

A hegemonia do poder econômico superou os indígenas interesses dos nativos. As terras dos índios com suas férteis florestas foram tomadas à força. Em compensação, foi-lhes doada em 1773 uma légua quadrada "para aí ser construída uma Ermida em honra do Senhor Bom Jesus da Boa Morte". Este direito foi-lhes reconhecido por muitos anos. Contudo, a paz foi momentânea. Os indígenas tiveram que apelar em 1820 para o Im-

perador dom Pedro I contra o direito da força dos opressores. O processo só foi julgado em 1863 dando o Juiz vitória aos índios. Contudo, não lhes deram posse da légua quadrada. E assim continua a mesma situação de opressão: os indígenas desvalidos, sem terra e sem justiça. O patrimônio de suas terras foi delapidado pelos heróis brancos. Apesar de vivos, existentes, reais, o presidente da Província de Alagoas decretou em 1878 a extinção dos aldeamentos indígenas.

Os índios dispersos não desistiram da luta. Em 1962, o antigo SPI, diante do apelo dos remanescentes kariris-xucurus comprou a Fazenda Canto. Aí concentrou 82 famílias

em 372 hectares. Aos poucos os índios se congregam para reiniciar suas tradições culturais, muitas delas já esquecidas pelo tempo... Mas, não termina a sua luta. Se lhes foi doada uma légua de terra em Palmeira dos Índios na Serra da Cafurna deveriam receber este patrimônio. E conseguiram ser reconhecidos nos seus direitos históricos após 170 anos, quando a FUNAI, em 1980, oficialmente lhes demarcou parte de suas terras ficando para ser estudado posteriormente como seria a indenização da outra parte da légua em quadro restante, e quem receberá anualmente os impostos territoriais dos posseiros, se a FUNAI ou o INCRA, que atualmente os recebe.

"Conflitos entre indígenas"

O segundo motivo do desentendimento entre os indígenas palmeirenses é a hegemonia do poder. Destribalizados, esquecidos de suas antigas tradições, querem reativar seus costumes autóctones. Organizam o Conselho Tribal, escolhem seus membros, mas foi relegada a tradição natural do governo doméstico hereditário. Daí por diante a rivalidade é estampada nas atitudes de seus líderes.

Quando em 1979 todos estão unidos pela posse da Serra da Cafurna, logo depois a cobiça da terra se-

para novamente os grupos rivais. Alguns de um grupo tomam logo posse da terra sem esperar pela demarcação oficial da Funai e contra o desejo da maioria. Do outro lado, o grupo mais tradicional quer preservar as matas para os rituais e fazer uma divisão da terra em partes iguais, reivindicando um Projeto Agrícola para a promoção dos próprios índios. Observa-se de uma parte o interesse do uso comunitário da terra e de outra parte o interesse econômico individualista. É a dialética na praxis da tese

e antítese dos interesses econômicos conflitantes. Não se trata, para evitar equívoco, em lutas de um Grupo Kartir; e outro Grupo Xukuru. Atualmente são um só grupo indígena. Impor a divisão em dois grupos distintos não é a solução. A solução mais viável é dividir as terras da Serra Cafurna em lotes iguais para as famílias. Porque não é possível somente um grupo ou alguns usufruírem das terras férteis da Cafurna, e outro grupo ou alguns ficarem plantando no pedregulho infértil da Fazenda Canto.

"O contato interétnico"

O terceiro motivo gerador de conflitos é o contato interétnico entre indígenas e não indígenas cujos valores culturais são alguns bem diferentes e mesmo, em alguns casos, oponentes entre si.

Quando se diz que "os xukuris-kariris estão reivindicando tecnologia moderna avançada, mas que o conhecimento deles os coloca numa ordem de valores totalmente diversa, porque existem para eles coisas muito mais importantes que máquinas para a plantação de suas lavouras", propaga-se novamente o risco de hegemonia do etnocentrismo. Pergunta-se: será que os índios devido ao moderno avanço da tecnologia brasileira, não podem ter consciência de seus direitos?... Só quem tem direito neste Brasil agora para ter maquinaria moderna, são os he-reus brancos?... Daqui a pouco nem rádio os índios podem ouvir, menos ainda ter... Os Kariris-Xukuris palmeirenses não estão vivendo no tempo do Paleolítico, na era da pedra lascada, e muito

menos nos tempos do Neolítico, na era da pedra polida, quando da descoberta do Brasil em 1500.

Uma coisa é certa. Os indígenas estão em permanente contato interétnico. Será que não estão vendo os tratores e máquinas agrícolas nas fazendas dos seus amigos vizinhos?... Ainda mais. Muitos deles já viajaram à Brasília e outras regiões brasileiras, e viram bem de perto tecnologia agrícola moderna. Será que os índios não podem ter um trator para o cultivo de suas terras?... Os meios de comunicação (TV, Rádio e Imprensa) estão aí todos os dias a divulgar o uso de novas tecnologias agrícolas.

Os índios são pobres, sim, mas a carência não extingue suas aspirações de seres humanos. O Projeto Agrícola de que falam para a comunidade melhorar suas lavouras é justo e até é incentivado pela Funai.

Nós é que precisamos de uma vez por todas acabar com nosso preconceito social e discriminação racial. Os indige-

nas brasileiros (também os Xukuris-Kariris), e demais indígenas alagoanos (Wassu, Tingui e Kariri-Xoco) estão vivendo sua nova era de cultura lutando por seus direitos históricos. Agrários, econômicos, sociais culturais, religiosos e políticos, principalmente pela autonomia e respeito de sua cultura na Civilização Brasileira.

Admirar-se na hora presente que os índios Wakona-Kariri-Xukuru camponeses de Palmeira dos Índios reivindicam um lugar ao sol e exijam tecnologia agrícola é desconhecer o que o Etnólogo Carlos Estevão de Oliveira, diretor do Museu Goeldi, escreveu em 1936 em seu relatório "... bastante inteligentes. De raciocínio mais pronto não tenho idéia de haver encontrado nenhum outro povo nos grupos que visitei no Nordeste.

Os direitos indígenas devem ser conquistados pelo próprio índio e regulados pelo Estatuto do Índio, e seus conflitos respeitados pela nossa Civilização.